

***Os Corumbas* de Amando Fontes à luz da estética realista de György Lukács**

Maristela Sanches Bizarro⁶⁴

Resumo: A presente comunicação apresenta uma abordagem crítica acerca dos aspectos estéticos e históricos presentes no romance *Os Corumbas*, de Amando Fontes, publicado em 1933. Trata-se de uma reflexão sobre os procedimentos que figuram no escopo da estética realista, desenvolvida por György Lukács, aprofundando a relação entre texto e contexto histórico. À luz dos pressupostos de Lukács, compreende-se a experiência estética do romance de Amando Fontes, considerando que os temas representados na obra (em especial a industrialização e o trabalho livre) relacionam-se com a modernização da sociedade brasileira nas primeiras décadas do século XX e constituem, por sua vez, os impasses da própria apreensão figurativa. O caráter de denúncia social de *Os Corumbas* e a problematização sobre o romance proletário no contexto de recepção da obra podem ser pensados levando-se em consideração a oposição de Lukács à “arte de tendência”, alheia às concepções estéticas de Marx e Engels. Sendo o conceito de “tipicidade” no realismo de Lukács o que manifesta os conflitos das forças que movem a luta de classes, postula-se que a obra realista é significativa de seu tempo na medida em que o vínculo direto entre o individual e o geral, a personagem e o contexto histórico são revelados. Assim, entende-se que a obra de Armando Fontes não se qualifica como arte panfletária, uma vez que o autor se objetiva na ação criadora ao inserir a personagem em determinada sociedade, revelando seu caráter de classe e, desse modo, permitindo apreender questões sociais, econômicas, políticas e culturais.

Palavras-chave: Corumbas; Amando Fontes; György Lukács; estética realista.

O decênio de trinta é rico em acontecimentos que mudaram os destinos do país. Dentre eles, destaca-se a Revolução de Trinta, cujos impactos na cultura e na política do

⁶⁴ Doutoranda em Literatura Brasileira no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo, sob orientação da Profa. Dra. Simone Rossinetti Rufinoni. E-mail: maristelabizarro@usp.br.

Brasil refletiram um resultado já esperado: o fim da Primeira República e o declínio do Estado oligárquico. Em um momento difícil, mudanças na esfera econômica se impunham: a busca por novas alternativas econômicas, dada a inviabilidade do nosso modelo agroexportador; o estímulo aos setores que dispunham de melhor nível de acumulação de capital como opção adotada pelo governo, que assumiu o poder após a revolução; e o fortalecimento da indústria como alternativa às importações.⁶⁵

A industrialização brasileira se intensificou, independentemente das condições de trabalho inerentes à atividade fabril – ambientes insalubres, cargas horárias excessivas, baixa remuneração, arbitrariedade na contratação e dispensa de trabalhadores –, que colaborava para a insatisfação da massa operária. Diante de tal processo de exploração capitalista, surgiram as primeiras associações de classe, muitas tendo líderes italianos que propagavam (pela experiência europeia), ideias anarquistas e marxistas. Órgãos de classe começaram a se consolidar e os movimentos grevistas se intensificaram.⁶⁶

Na literatura, a efervescência dos anos trinta dialoga com uma inquietação mais profunda, remanescente do desenlace da Revolução Russa, cuja ruína da autocracia teve suas raízes em uma crise na qual os trabalhadores saíram às ruas pleiteando melhores condições de trabalho e renda, desejosos de eliminar uma estrutura de dominação. A Revolução Russa recrudescu o desejo dos literatos em expressar as contradições de um contexto histórico e social mal estruturado, que demandava um posicionamento crítico diverso da década anterior.

Nesse contexto, ao escrever o romance *Os Corumbas*, Amando Fontes contribui para um olhar sobre as contradições de um Brasil que se moderniza. Na escrita literária dos anos trinta, marcada pela denúncia social, há uma ênfase diferenciada do que havia sido postulado pelas obras dos anos vinte, que, embora fossem marcadas pelo desejo de ruptura com as estruturas do passado, ainda traziam a concepção de um ‘país novo’, nos termos em que Antonio Candido postula no ensaio *Literatura e Subdesenvolvimento*.

Antonio Candido apresenta ‘as características literárias na fase de consciência amena do atraso’, correspondente à ideologia de ‘país novo’ e os traços da fase da ‘consciência

⁶⁵ Ver: SILVA, Maria Ivonete Santos. *Romance Industrial: aspectos históricos e sociológicos na obra de Amando Fontes*. Brasília: Fundação Universidade de Brasília; Aracaju: Governo do Estado de Sergipe/Fundesc, 1991.

⁶⁶ A exemplo do “Centro Operariado Sergipano”, criado em 1911, que aos poucos foi se afastando de uma postura patronal paternalista, à medida em que assumia um papel cada vez mais significativo na organização das classes subalternas. DANTAS, Ibarê. *História de Sergipe: República (1889-2000)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

catastrófica do atraso’, correspondente à noção de ‘país subdesenvolvido’.⁶⁷ Ao conceito de “país novo” vincula-se à “ideologia da euforia”, espécie de “pujança virtual”, pautada em um pensamento utópico que, por último, culmina em ufanismo e na exaltação de uma literatura inserida no projeto colonialista.

A consciência amena do atraso concebe a literatura como “construção ideológica transformada em ilusão compensadora” do atraso material e da debilidade das instituições. De outro modo, a noção de país subdesenvolvido compreende a consciência aguda evidenciada na “realidade dos solos pobres, das técnicas arcaicas, da miséria pasmosa das populações, da sua incultura paralisante”.

Em *Uma história do romance de 30*⁶⁸, Luís Bueno afirma ser o pensamento dos anos vinte baseado na ideia de utopia, uma promessa de felicidade; enquanto os anos trinta seriam marcados pela consciência do subdesenvolvimento, pela percepção de que os problemas não seriam contornáveis, tampouco facilmente resolvidos, uma vez que são estruturais.

Em certa medida, *Os Corumbas* expressa o adiamento da utopia no encadeamento das ações protagonizadas pelo movimento operário. Os líderes dos trabalhadores das tecelagens – cuja formação política é pautada pela leitura de textos marxistas – iniciam uma greve pela diminuição da excessiva carga horária de trabalho. No entanto, a greve não tem êxito, uma vez que a intervenção do Estado desarticula a mobilização dos operários e deporta as lideranças para a cidade do Rio de Janeiro. Pedro Corumba – personagem com menor relevância no enredo – é um dos exilados que, posteriormente, ao enviar notícias à família, narra a continuidade da luta revolucionária em terras do Sudeste. Assim, ainda que o tom fatalista predomine na narrativa, a trajetória dessa personagem constitui um momento singular, pois a mobilização operária não exitosa no Nordeste, não é de todo inviabilizada no enredo.

Nos anos trinta havia por parte dos escritores nordestinos um desejo de expressar a realidade de um país desconhecido, a exemplo da elaboração de Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Jorge Amado, entre outros. Com o fim da escravidão e a crise da produção de açúcar, o Nordeste (diferentemente do Sul, cujo desenvolvimento urbano e industrial se fortalecia) tornara-se uma região inóspita, na qual as grandes

⁶⁷CANDIDO, Antonio. *Literatura e Subdesenvolvimento. A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 1989, p. 142.

⁶⁸BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Edusp; Campinas: Editora da Unicamp, 2006, p.59.

desigualdades se cristalizaram, palco, portanto, para as obras que renovaram as letras brasileiras, ao problematizarem a modernidade. A proeminência dessa região deve-se em parte pelo fato de “todo o País ter tomado consciência de uma parte vital, o Nordeste, representado na sua realidade viva pela literatura.”⁶⁹.

O romance de Amando Fontes insere-se em um conjunto de obras que, a partir da percepção de que o Brasil é um país subdesenvolvido, denunciam a presença de estruturas arcaicas no seio da modernidade. Diferentemente da vanguarda dos anos vinte, que promoveu a busca pela identidade nacional, a literatura dos anos trinta fez emergir representações que dessem conta do nosso atraso.

Como Antonio Candido observou, a literatura regionalista realizada até o início do século XX tinha um caráter pitoresco, pois era produzida para que o homem da cidade pudesse conhecer o contexto do homem do campo. A mudança de perspectiva só foi possível quando novos escritores, com maior familiaridade com as regiões retratadas pelos primeiros regionalistas, puderam produzir obras capazes de desmistificar o homem e a paisagem rurais.⁷⁰ Na busca pelo Brasil “real” emergem romances que constituem depoimentos, documentos e/ou fotografias do mundo social. As obras empregam uma linguagem mais coloquial, portanto mais acessível ao público leitor.

Amando Fontes está junto dos autores que tiveram a preocupação de fundar certa tradição nordestina. Sua obra registra a vida da população mais carente, atualiza elementos da cultura local e recria determinados espaços – como o Engenho da Ribeira e o Vale do Japarutuba – ao mesmo tempo em que denuncia o caráter excludente do processo de industrialização na cidade de Aracaju, nas primeiras décadas do século XX.

Em *Os Corumbas* o caráter realista tematiza elementos da cultura popular, cuja celebração se faz presente não só no comportamento, mas também na linguagem empregada (pela oralidade, uso de expressões coloquiais e ditados populares) e nas expressões artísticas (na dança, música e festas religiosas) retratadas no romance. As personagens transitam em meio a esse espaço, participam das festividades e eventos, e sofrem transformações a partir dos encontros sociais típicos da região.

O emprego de uma linguagem mais coloquial em *Os Corumbas* é recebido positivamente pela crítica, enquanto outras características da obra não tiveram a mesma

⁶⁹CANDIDO, ANTONIO. A Revolução de trinta e a cultura. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. 2ª edição. São Paulo, Ática, 1989, p. 187.

⁷⁰ Idem.

avaliação. A esse exemplo, a “neutralidade política” do romance é problematizada, em face da discussão sobre o romance proletário, e sua inerente polarização entre autores engajados e autores que, a exemplo de Amando Fontes, defendiam uma maior liberdade na proposição das obras.

Amando Fontes buscou apreender o universo dos miseráveis e excluídos e das classes trabalhadoras, no sentido de incorporar à construção temática e formal de sua ficção, concebendo as personagens como o eixo central de sua obra. No entanto, se a busca pelo real pode ser avaliada positivamente pelo protagonismo dos excluídos, a elaboração formal planejada não é o suficiente para que o romance figure entre as mais bem realizadas de seu tempo. *Os Corumbas* tem problemas de concepção que se traduzem em problemas formais, constituídos como impedimentos à plena realização da figuração literária.

O desejo de retratar o real de modo extensivo problematiza em certa medida a posição de classe do autor. Se o romance proletário buscava distanciar-se do romance burguês – ainda que mesmo no interior da perspectiva burguesa, a finalidade humanista tenha sido por vezes alcançada – o caráter jornalístico de *Os Corumbas* aponta para os limites, compreendidos pelo filósofo húngaro György Lukács, como os limites do pensamento pequeno-burguês radical, “que beira o socialismo”. De acordo com o filósofo húngaro, os romancistas que fazem literatura de reportagem são oponentes pequeno-burgueses do capitalismo, não proletários revolucionários.⁷¹

As reflexões Lukács sobre a objetividade na criação artística trazem aspectos importantes para aprofundar essa questão. Seus postulados compreendem o vínculo entre a criação literária e vivência sócio-histórica dos homens, ou seja, o modo como a realidade vivida se expressa em uma determinada forma. Considerando as limitações de *Os Corumbas*, há que ressaltar as qualidades estéticas da obra dentro de uma perspectiva que entenda a proposição de Amando Fontes como uma exigência de seu tempo.

As formas de representação escolhidas pelo autor traduzem a apreensão do seu momento histórico, dos limites sociais, econômicos, políticos, culturais, enfim, humanos, do Brasil da década de trinta. Isto é, a obra interessa no modo como parte da totalidade (intensiva) é apreendida. Portanto, ainda que não se trate de um autor proletário propriamente dito, seu realismo residiria, segundo o caminho de Lukács, não na apreensão do todo, mas

⁷¹ LUKÁCS, G. “Reportage or Portrayal? Critical remarks a propos a novel by Ottwalt; A virtue of necessity”, in _____. *G. Essays on Realism, The MIT Press Massachusetts: Cambridge*, 1981, p. 48.

nos momentos em que parte da realidade representada possibilita ao leitor a apreensão das forças motrizes da luta entre as classes.

Referências bibliográficas

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Edusp; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

CANDIDO, Antonio. Literatura e Subdesenvolvimento. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

_____. A Revolução de trinta e a cultura. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo, Ática, 1989.

DANTAS, Ibarê. *História de Sergipe: República (1889-2000)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

LUKÁCS, G. “Reportage or Portrayal? Critical remarks à propos a novel by Ottwalt; A virtue of necessity”, in _____. G. *Essays on Realism, The MIT Press Massachusetts: Cambridge*, 1981.

SILVA, Maria Ivonete Santos. *Romance Industrial: aspectos históricos e sociológicos na obra de Amando Fontes*. Brasília: Fundação Universidade de Brasília; Aracaju: Governo do Estado de Sergipe/Fundesc, 1991.